

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS FILHOS¹

Joel Montanha²

RESUMO

Este artigo discorrerá sobre a necessidade da participação consciente e ativa dos pais no desenvolvimento espiritual dos filhos, considerando que a família é reconhecida como o centro formador dessa espiritualidade. A partir de princípios bíblicos e teológicos, são analisadas as necessidades, as características e as formas de comunicação com as crianças dentro de suas faixas etárias para uma formação adequada. Tratando-se de um tema recorrente nas discussões sobre a educação nos lares, a pesquisa busca a compreensão do papel dos pais e o possível contraste no cuidado praticado nos lares cristãos hodiernos. O artigo aborda os conceitos sobre Deus, a natureza do mal, o plano salvífico, os meios da graça, a autoestima e a liberdade de escolha, elementos causadores de ações, que poderão influenciar no infante sua própria espiritualidade judaico-cristã. Por fim, aborda também

¹ MONTANHA, Joel. **A responsabilidade dos pais na formação espiritual dos filhos..** 2010. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS), p. 20-66. Adaptação do original a este artigo científico.

² Joel Montanha é co-pastor na Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Joinville (SC); Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Refidim/Sul Americana do Paraná; Pós Graduação em Teologia e Bíblia pela FLT de São Bento do Sul/SC; Mestre em Teologia pela Faculdade EST de São Leopoldo/RS; Professor de Teologia na Faculdade Refidim - Jlle/SC.

o ensino e a socialização por faixa etária até os dez anos, como responsabilidade dos pais.

Palavras-chave: Desenvolvimento espiritual. Educação e espiritualidade.

1 FATORES DE ESPIRITUALIDADE

O Dicionário Aurélio define “fator” como “aquilo que contribui para um resultado”,³ isto é, elementos causadores de ações, ou condições que levam a um resultado. Neste sentido, os fatores de espiritualidade podem contribuir para a fundamentação do ser humano nas futuras tomadas de decisões.

Entendendo o termo “espiritualidade judaico-cristã” como conhecimento de Deus através das Sagradas Escrituras e a aplicação desse conhecimento em nossa vida, é de importância vital um olhar perscrutador sobre as definições que as Escrituras prescrevem a conduta humana.

Martin N. Dreher afirma que a “espiritualidade brota da conversa com Deus, do diálogo com outras pessoas que estão nesta busca, e da observação da espiritualidade alheia”.⁴ Russel Shedd define espiritualidade como “a busca e a própria experiência da comunhão com Deus. Inclui a expressão dessa convivência a partir de práticas que agradam ao Criador”.⁵ E Joel S. Goldsmith afirma que “ninguém estará totalmente completo enquanto não se sentir à vontade em Deus”.⁶

Na mais tenra idade, a criança precisa ser acostumada a se relacionar com Deus com o objetivo de formar sua própria espiritualidade. É

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**: edição eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

⁴ DREHER, Martin N. **Conversando sobre espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 7.

⁵ SHEDD apud BOMILCAR, Nelson (Org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 37.

⁶ GOLDSMITH, Joel S. **A arte da cura espiritual**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 12.

importante a atenção dos pais na transmissão do conhecimento das Sagradas Escrituras, não somente no que dizem e dão como exemplo, mas no que a criança entendeu desse ensino e desse exemplo. Os pais devem entender que o seu comportamento pode influenciar a vida das próximas gerações, e isso de maneira que nem imaginam. Para seu desenvolvimento e capacitação, uma criança necessita, principalmente, de seus pais como espelho.⁷ O conhecimento que uma criança terá de Deus em sua formação espiritual, precisa ser aprendido⁸ e a melhor maneira de transmitir conhecimentos e exemplos é em reuniões no lar, num diálogo com os filhos e, principalmente, observando-se a espiritualidade deles. Pais e filhos precisam se apresentar diante de Deus em unidade. “Ao longo do caminhar, das fraldas ao diploma, há uma questão que deve ser tratada e com a qual todos os pais cristãos se defrontam: o crescimento espiritual do filho”.⁹ Mesmo com todo o conforto que a saúde, o dinheiro e o lazer podem trazer, o ser humano precisará se sentir em comunhão interior com Deus. “Ele é o único poder que, por todo o sempre, mantém o seu universo com perfeição, justiça e harmonia... não existe nenhum outro poder fora desse poder”.¹⁰

Nas reuniões voltadas ao ensino dos filhos, os pais devem priorizar a perspectiva da criança no ver, sentir e pensar. Conforme Remí Klein, “o mais importante no processo educativo-religioso não são as respostas e as certezas, mas as buscas e os questionamentos”.¹¹ Citando Jeremie Hughes,

⁷ CRUZ, Elaine. **Amor e disciplina para criar filhos felizes**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 26.

⁸ GOLDSMITH, 1995, p. 19-20.

⁹ TRENT, John; OSBORNE, Rick; BRUNER, Kurt. **Ensine sobre Deus às crianças: um plano por faixa etária para pais de crianças até doze anos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 9.

¹⁰ GOLDSMITH, 1995, p. 12,35,39.

¹¹ KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). **Práxis do ensino religioso na escola**. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 130.

Klein diz que “a nossa habilidade em responder às perguntas das crianças depende, em alto grau, das respostas que encontramos para nós mesmos para as grandes e pequenas questões existenciais”.¹²

As respostas terão seus efeitos educacionais na criança, contanto que a linguagem seja acessível, sincera e que responda a todas as suas inquietações naquele momento. Existem assuntos bem difíceis, como, por exemplo, a morte, a doença e mesmo a sexualidade, os quais precisam ser respondidos. As respostas poderão variar em intensidade e é importante saber o que a criança já sabe sobre o tema. Muitas vezes, basta uma resposta curta, sem detalhes, e ela se satisfaz; em outras, as respostas precisam ser pensadas. Quando os pais encontrarem dificuldade numa resposta, poderão, com naturalidade, dizer ao filho que precisam pensar e que voltarão a falar com ele mais tarde. É preferível que a criança aguarde uma resposta adequada do que tenha resposta superficial ou mesmo errada.

Para experimentar a realidade da existência de Deus corretamente e, para uma vida adulta em comunhão com Ele, a criança precisa de um diálogo constante e consistente. Ensinar a criança não é somente ler a Bíblia seguidamente, mas esmiuçar o que ela diz em ações reais e cotidianas.

Quando a criança tem esse diálogo e exemplo de espiritualidade, mais tarde, na hora de discernir as crises, a imagem que a criança criou de Deus será fundamental para que possa percebê-las, assimilá-las e, claramente, enfrentar as situações saindo ainda mais forte das adversidades. Edwin Mora Guevara assinala:

A forma de imagem sobre Deus se relaciona com as primeiras imagens da criança, fundamentalmente nas figuras familiares; em especial, nas figuras significativas como o pai e a mãe [...] Estas

¹² HUGHES, Jeremie apud KLEIN, 2007, p. 131.

primeiras imagens sobre Deus podem ser reforçadas ou não pelas ideias que a pessoa desenvolver posteriormente no processo de socialização. Nele interferirão a família, a educação, a religião, a arte e o simbolismo religioso com sua representação sobre Deus.¹³

Conforme Margaret Bailey Jacobsen, a criança precisa principalmente: 1) ter um conceito verdadeiro de Deus; 2) compreender a natureza do mal; 3) conhecer e receber o plano de salvação de Deus; 4) aprender a fazer uso dos meios de graça; 5) conhecer o seu próprio valor aos olhos de Deus.¹⁴

1.1 Ter um conceito verdadeiro de Deus

O mais cedo possível a criança deve saber que a Bíblia é a Palavra de Deus; e nela Deus Se deu a conhecer ao ser humano a fim de direcioná-lo ao objetivo central a que foi criado: conhecê-Lo, amá-Lo e adorá-Lo (Is 43.7; Sl 22.22; 149.6).¹⁵ A finalidade das Escrituras é a de fazer Deus conhecido por Suas atividades na história e nas experiências que seres humanos fiéis tiveram com Ele. Elas não somente pressupõem que Deus pode ser conhecido, mas que realmente Ele é conhecido.¹⁶ O Deus das Escrituras é um Ser pessoal (Tg 4.8; Sl 145.18) que se interessa pela humanidade.

A criança pode aprender que Deus existe, que a ama e quer cuidar dela; que criou todas as coisas, inclusive ela mesma, e quer se relacionar com todo ser humano e que a oração é a forma regular de conversar com Ele. A criança precisa entender que pode ser e fazer tudo o que Deus quer

¹³ GUEVARA, Edwin Mora. Espiritualidade a partir da graça em um programa de tratamento de dependência de drogas. In: SANTOS, N. **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

¹⁴ JACOBSEN, Margaret Bailey. **A criança no lar cristão**. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. p. 18-19.

¹⁵ PACKER, J. I. Revelação e Inspiração. In: DOUGLAS, J. D.; SHEDD, Russell P. (Eds.). **O novo dicionário da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 27.

¹⁶ “Jesus disse bem alto: — Quem crê em mim crê não somente em mim, mas também naquele que me enviou. Quem me vê vê também aquele que me enviou” (Jo 12.44-45).

que seja e faça - boa, gentil, amorosa – exatamente como Ele é.

Apesar de terem crescido na igreja, algumas crianças provenientes de lares cristãos não possuem uma boa compreensão sobre Deus. Frequentemente recebem uma simples carga de meras histórias ou até falsos ensinamentos. Com isso, têm dificuldades para articular claramente aquilo que creem.

Muitos pais creem que crianças não entendem “os grandes mistérios da religião”. Evitam falar sobre doutrinas bíblicas por as acharem despreparadas para aprender. No entanto, Charles Spurgeon escreveu:

Insisto que não há doutrina da Palavra de Deus que uma criança capaz de receber a salvação, não consiga, entender. [...] Se houver qualquer doutrina muito difícil para uma criança, é antes uma falha de conceito do professor acerca dela, do que da capacidade da criança de entendê-la, desde que ela seja realmente convertida. Cabe a nós tornar a doutrina simples para a criança.¹⁷

A criança precisa aprender acerca de Deus conforme Ele se revela nas Sagradas Escrituras, sempre entendendo que ela formula sua ideia de Deus a partir dos adultos. Conforme Trent, a criança “aceita prontamente o fato de que seus pais acreditam em Deus, de forma plena, quando eles confessam e reconhecem, de modo constante, a realidade e a presença do Senhor”.¹⁸ A comunhão contínua com Deus no lar – à hora das refeições, à hora de dormir, em momento de estresse e de necessidade – são lembretes diários de que Deus está ouvindo.

As noções sobre Deus se desenvolvem na criança antes dela distinguir entre si mesma e seu meio-ambiente. Posteriormente desenvolvem, a partir da confiança e do abastecimento dos pais, uma imagem de Deus relacionada aos próprios pais. A imagem final que a criança terá de Deus, porém, vai

¹⁷ LARA, Ronaldo Bauer de. **O mundo teológico da criança**. In: X Encontro de Educadores Cristãos. Criciúma: [s.n.], 2010. p. 95.

¹⁸ TRENT, 2007, p. 26.

¹⁹ METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes. 1997. p. 177.

sendo construída gradualmente em todas as fases.¹⁹ Portanto, o comportamento dos pais é “o fator determinante para que seus pequeninos aprendam que Deus é real e está presente”.²⁰ Conforme Norbert Mette, “apenas onde Deus é revelado à criança é que ela pode descobri-lo e também compreendê-lo imediatamente”.²¹

1.2 Compreender a natureza do mal

Mesmo depois de sérias tentativas e desejos do ser humano renunciar ao mal para viver de maneira justa, sóbria e piedosa, como convém às criaturas feitas para glorificar a Deus, e com a eternidade em jogo, há uma resistência forte e constante nas paixões, nos apetites e nas inclinações do coração em cada passo que o ser humano dá (Rm 3.9,23; 1Jo 1.10; 2.1,2). Há uma recusa do ser humano em se agarrar a Deus como a única Pessoa que pode satisfazer seus mais profundos anelos. A essência do mal, portanto, é a autonomia do homem em relação a Deus. Quando não permitimos que Deus seja quem Ele realmente é no nosso modo de pensar e agir, ofendemos a Ele (Sl 51.4). Deus, porém, estende seu amor através de Cristo para libertar o ser humano do mal. A vocação divina no ser humano continuará atuando em sua consciência.

A criança levará algum tempo para entender o conceito do mal. Nesse tempo, ela precisa ouvir falar do amor de Deus. Na idade em que a criança já tem essa consciência, se pode ensinar que certos comportamentos ofendem a Deus, machucam as outras pessoas e a ela própria. Isso a levará querer fazer o bem. É sempre necessário fornecer-lhe uma rota de saída, uma alternativa de escape e refúgio. E esta alternativa pode ser apresentada como sendo fruto do amor imensurável do Pai que providenciou um escape

²⁰ TRENT, 2007, p. 26.

²¹ METTE, 1997, p. 175.

oportuno mediante o sacrifício de Seu Filho Jesus Cristo (Rm 6.23).

1.3 Conhecer e receber o plano de salvação de Deus

Tanto o Deus Pai, quanto o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, estão envolvidos no processo salvífico do ser humano. Embora a Trindade odeie o pecado, ama o ser humano, criado conforme a imagem e semelhança de Deus. A Trindade deseja que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (Jo 3.16).²² Jesus veio ao mundo com o propósito de convidar todo ser humano a receber a vocação e a vida em Cristo. Levar as crianças a receberem verdadeiramente a Jesus Cristo como Salvador, baseadas em um conhecimento claro da mensagem do Evangelho, deve ser a maior preocupação dos pais. Em Cristo, o ser humano é predestinado, mesmo antes da fundação do mundo, para ser santo e irrepreensível (Ef 1.4-6).

O primeiro campo fértil para o anúncio do Evangelho é o nosso lar, a nossa família. Bem no início da vida, a “casa” - alma da criança - ainda não foi manchada nem danificada. É nesse campo que Jesus deve ser introduzido, antes que as obras da carne (Gl 5.19-21) eventualmente controlem sua vida.

O lar foi a primeira instituição divina, e Deus deseja salvar todos os membros da família. Em Malaquias, temos a palavra do profeta: “não é verdade que Deus criou um único ser, feito de carne e de espírito? E o que é que Deus quer dele? Que tenha filhos que sejam dedicados a Deus” (Ml 2.15). Champlin comenta que “a ideia principal parece ser a de que o propósito do casamento é fortificar o povo escolhido por Deus, pela descendência que resultará dos casamentos”.²³

Podemos e devemos começar a evangelização por nosso próprio lar.

²² “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

²³ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia. 2000. p. 3709.

Isto não significa que todos os nossos familiares optarão por Cristo. No entanto, todos terão a oportunidade de ouvir o Evangelho e, portanto, a oportunidade de aceitar a Cristo.

1.4 Aprender a fazer uso dos meios da graça

É importante lembrarmos que o chamado para apropriação da salvação é mediante a graça, e que somente a graça de Deus no coração de cada ser humano pode mudar a vida permanentemente em qualquer época e em qualquer idade (Ef 2.8). A regeneração do ser humano é uma obra efetuada por Deus através do Espírito Santo, pelo qual o ser humano recebe a vida pessoal de Deus, transformando sua mente, seu coração e sua vontade, de tal maneira que sua inclinação para consigo é mudada, pondo Cristo no centro de sua vida.

Há um contraste entre o que fazemos e o que Deus faz para assegurar a salvação ao ser humano. Contrapondo-se às obras do ser humano com o objetivo de obter justificação, está a misericórdia livre de Deus, exibida na obra do Espírito Santo.

No processo salvífico, existem termos que são de difícil compreensão à criança, como “graça”, “justificação”, “fé”, “arrependimento”. O ser humano adulto pode entender que “graça” é favor que os seres humanos não merecem, mas que Deus livremente lhes concede. Que “justificação” é o ato da graça divina pelo qual Deus declara justa a pessoa que põe sua fé em Jesus Cristo como seu substituto e Salvador. Que a “fé” é o meio pelo qual o pecador é justificado, e essa fé justificadora descansa sobre a completa obra de Cristo. Que o “arrependimento” é o resultado da graça de Deus na alma do pecador (At 13.39). A criança, porém, demora bastante para entender esses termos e sua aplicação salvífica, mas isso não deve

²⁴ ESCOLA PREPARATÓRIA DE OBREIROS SILOÉ (EPOS). **Evangelismo**. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2007. Mod. I. p. 66.

desestimular os pais. “As crianças raciocinam mal, mas sentem bem”,²⁴ disse Dostoiévsky. Por isso, convertem-se facilmente quando seu sentimento é tocado pelo incomparável amor do Senhor Jesus Cristo.

Deus emprega diversos meios a fim de trazer os seres humanos ao arrependimento e, conseqüentemente à salvação, tais como a pregação do Evangelho, a vida dos pais e amigos crentes e a influência benéfica da Igreja. Deus, por tudo e em tudo, chama o ser humano.

1.5 Conhecer o seu próprio valor aos olhos de Deus

O ser humano é distinguido como uma nova ordem na criação e aferido como coroa de todos os seres criados. Ele se distingue como uma nova ordem de existência racional, volitiva e sentimental. A ele é entregue o domínio sobre a vida selvática, doméstica, vegetal, etc... (Gn 1.26). Deus criou a todos segundo sua espécie, numa forma típica dos mesmos, entretanto o ser humano foi formado segundo a imagem divina.

O psicólogo e neurologista americano Howard Gardner, da Universidade de Harvard, no início da década de 1980, causou grande impacto na área educacional ao divulgar sua teoria das Inteligências Múltiplas. Até então, o Quociente de Inteligência (Q.I.) era o mais aceito para a avaliação de inteligência.²⁵ Segundo Gardner, todos nascem com o potencial de várias inteligências.²⁶ A partir das relações com o ambiente e aspectos culturais, algumas são mais desenvolvidas, outras menos

²⁵ CECÍLIO JR., Marlísio Oliveira. **Fichamento do livro de Howard Gardner**. Disponível em: <<http://petecv.ecv.ufsc.br/download/Reuni%F5es%20culturais/Reuni%F5es%20em%20PDF/Marl%EDsio%20-%20Maio.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

²⁶ O apóstolo Paulo fala de uma inteligência bem específica, a inteligência espiritual, que o ser humano deve buscar: “por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual” (Cl 1.9).

²⁷ CECÍLIO JR., 2010.

aprimoradas.²⁷

Conforme Celso Antunes, descoberta admirável, apaixonante e reveladora para os pais é que a mente humana não abriga, como antes se pensava, uma única inteligência.²⁸ Mais importante do que essa descoberta, porém, é saber o que fazer para treinar e para acordar essas inteligências. Embora a criança possa aumentar suas habilidades em muitas áreas, é atraída naturalmente a determinadas atividades, justamente àquela em que ela mais foi educada.

Das inteligências múltiplas de Gardner, a “intrapessoal” pode ser definida como a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias para formular uma imagem precisa de si próprio. A habilidade para usar essa imagem pode funcionar de forma efetiva na solução de problemas pessoais. É a inteligência da autoestima, da automotivação.²⁹

Os efeitos da baixa autoestima são destruidores. O isolamento, a impotência, a ausência de curiosidade, a intolerância e a hipersensibilidade são alguns dos seus muitos efeitos. A baixa autoestima pode ser produzida, principalmente, por dois fatores:

- 1) Uma falsa teologia, que desconsidera o alto valor do ser humano;
- 2) Pelo pecado que nos traz o sentimento de culpa e decepção, e isso contribui para a nossa inferioridade e destrói nossa autoestima.

A criança forma a imagem de si mesma através das imagens que a ela

²⁸ ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas**. São Paulo: Salesiana, 2001. p. 30.

²⁹ OGREGON, Rosane de Fátima Antunes. **Validação de um instrumento de identificação do perfil de usuário através de ícones representativos das inteligências múltiplas**. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEGC0078-D.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

³⁰ CRUZ, 2006. p. 25.

forem projetadas; se valorizada, ela terá uma boa autoestima.³⁰ Simone Engbrecht diz que a aquisição da autoestima - amor próprio - valor fundamental para a identidade individual, requer uma construção em bases sólidas.³¹ A autoestima vai sendo formada desde o momento em que o ser humano nasce e é uma noção que o acompanha durante toda a sua vida. Quando nasce, cada pequeno ser está envolvido consigo e necessita tanto de alguém que lhe dedique cuidado, quanto necessita do ar que respira. Embora não entenda todo cuidado que lhe dedicam, sua autoestima vai se desenvolvendo através dos cuidados que recebe. Todas as experiências que resultam em satisfação, conforto e alegria vão compondo uma autoestima positiva. Neste processo, a atitude e os comentários dos pais e professores acerca dos sucessos e dos insucessos da criança são decisivos para sua autoestima, seu autoconceito. Nosso amor próprio depende de outros dois fatores: que o “eu” seja investido por outrem e que realize seu ideal.³²

1.6 Reconhecer a importância de sua liberdade de escolha

Na formação do ser humano, Deus lhe deu o livre arbítrio, ou seja, o poder de escolha. Ao pecar voluntária e livremente, o ser humano mostra a evidência dessa afirmação. A experiência humana nos mostra que o ser humano, com ou sem Cristo, sabe a diferença entre o bem e o mal.

Lewis Sperry Chafer diz que “a vontade geralmente age movida ou influenciada pelo intelecto e pelas emoções”.³³ No entanto, Chafer considera que nenhuma vontade humana é livre em sentido absoluto, pois sobre os não regenerados diz-se que Satanás está operando neles,

³¹ ENGBRECHT, Simone. **Aprendendo a lidar com a depressão**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9.

³² ENGBRECHT, 2007, p. 9-10.

³³ CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática**. São Paulo: IBRB, 1986. p. 479.

ou dando-lhes energia (Ef 2.2), enquanto que dos regenerados se diz que Deus lhes dá energia para o querer realizar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).³⁴

De fato, a capacidade de vir a crer é algo inerente a todo ser humano, contanto que queiram fazê-lo, mas poderá ter uma influência divina ou rejeitá-la. Por sua própria vontade, o ser humano pode querer seguir aquilo que está de acordo com a vontade de Deus, e Deus confere poder para tal, ou querer seguir seu próprio caminho, tendo total liberdade para isso. Embora nenhum ser humano possa vir a Cristo, a menos que Deus se aproxime a ele, Deus se aproximou a nós na cruz (Jo 12.34). O mandamento de Deus é: “notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (At 17.30).³⁵ Levar a criança a escolher confiar em Cristo é uma decisão certa. Quando se faz parte desta débil tentativa, Deus vem ao encontro. Então, o divino e o humano se encontram, havendo como resultado, verdadeira outorga da alma aos cuidados de Cristo. É verdade que se, por um lado, o ser humano é livre para decidir, por outro lado, Deus também é Soberano, e esses dois elementos não constituem um paradoxo; pelo contrário, contribuem para a salvação do indivíduo. Deus, em sua soberania, providenciou a salvação do ser humano e este, por sua vez, livremente a aceita ou a rejeita (Tg 4.8). A salvação estabelecida por Deus ao ser humano e a conseqüente vida eterna se realiza sem nenhum conflito entre a soberania de Deus e a livre escolha do pecador; antes, ambas se harmonizam no ato salvífico.³⁶

É, no entanto, de importância vital viver o que se ensina. A experiência da existência de Deus é colocada aos poucos no coração da criança, e essa experiência construirá na adolescência e na vida adulta sua cosmovisão. A

³⁴ CHAFER, 1986. p. 479.

³⁵ LANGSTON, A. B. **Esboço de teologia sistemática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1988. p. 204.

³⁶ LANGSTON, 1988, p. 204.

criança entende mais claramente o que seus pais querem ensiná-la, observando seus exemplos cotidianos, do que ouvindo seus “sermões”. Conforme Clara Feldman, a “incoerência dos adultos que, na presença da criança se comportam de uma maneira diferente daquilo que dizem, isto é, fazem uma coisa e falam outra, levam-nas a ficar confusas e a acreditar que tinham ‘visto errado’”.³⁷ Por serem autoridades para a criança, os adultos as levam a acreditar em suas palavras, diferenciando daquilo que veem. Essas incoerências aos poucos atrofiam seus olhos e a habilidade natural de observar.

2 A BASE BÍBLICA PARA A CAPACITAÇÃO

A família é considerada uma instituição importante no processo de aprendizagem e socialização primárias. Todavia, a família tem, cada vez mais, se desvinculado dessa função primordial. Os pais têm responsabilizado às instituições eclesiais a tarefa espiritual, às creches e escolas a tarefa intelectual, isto é, do aprendizado secular. “Quanto ao desenvolvimento físico, social e estético, deixam completamente por conta do acaso”.³⁸ Esses valores formam a base para o comportamento do ser humano. As Sagradas Escrituras falam do crescimento de Jesus: “e crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52).

a) Sabedoria: crescimento mental, intelectual

Em sua humanidade, Jesus se sujeitou ao aprendizado. A criança nasce ignorando os fatos, sem saber discernir o bem do mal, o certo do errado, aquilo que faz bem e o que não faz. Ela precisa, no lar, de uma instrução formativa e de um padrão integrado de conhecimento, que formem

³⁷ FELDMAN, Clara; MIRANDA, Márcio Lúcio de. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 2002. p. 91.

³⁸ JACOBSEN, 1985, p. 6.

a base para a interpretação de experiências vivenciais.

b) Estatura: crescimento físico

Deus criou o nosso corpo e devemos ter hábitos saudáveis conosco e com nossos filhos. No contexto judaico-cristão, o corpo do ser humano é habitação do Espírito Santo. Por Ele habitar no ser humano, não pertencemos a nós mesmos, mas a Deus, e nosso corpo deve mostrar essa característica (1Co 6.19).

c) Graça: crescimento espiritual na graça diante de Deus

A graça é um atributo inseparável de Deus. Ela é a generosidade e magnanimidade de Deus para com o ser humano pecador. A vida cristã, em sua totalidade, está contida na graça que é abundante e suficiente para toda necessidade e situação do ser humano.

d) Social: crescimento diante dos homens

O ser humano tende a se preocupar com o seu próprio bem-estar. A criança deve aprender a amar e se sensibilizar pelos problemas dos outros, com real sinceridade de coração e amor.

Todas essas ações expostas são interligadas, pois o indivíduo se socializa a partir do conhecimento que adquire ao longo da vida. É importante entender que o processo de crescimento cognitivo, afetivo, religioso e social do ser humano não se atém exclusivamente à família. Porém, conforme Esdras Costa Benthó, “a primeira experiência relevante de qualquer pessoa, manifesta-se positiva ou negativamente no sistema familiar”.³⁹ “Geralmente, nossa instrução formativa é inadequada ou incompleta porque fazemos suposições descontextualizadas a respeito daquilo que os nossos filhos entendem”.⁴⁰ Bronefenbrenner afirma:

³⁹ BENTHO, Esdras Costa. **A família no Antigo Testamento: história e sociologia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 26.

⁴⁰ TEDD-TRIPP, Margy. **Instruindo o coração da criança.** São José dos Campos: Fiel, 2009. p. 41.

O mundo exterior tem um impacto considerável desde o momento em que a criança começa a relacionar-se com as pessoas, grupos e instituições, cada uma das quais lhe impõe suas perspectivas, contribuindo, assim, para a formação de seus valores, de suas habilidades e de seus hábitos de conduta.⁴¹

É obrigação solene dos pais cristãos darem a seus filhos a instrução e a disciplina condizente com a espiritualidade contida nas Escrituras. Eles devem se dedicar aos filhos mais do que ao seu emprego, sua profissão, seu trabalho na igreja ou posição social. É essencial os pais se voltarem para o coração dos filhos com o propósito de prepará-los para uma vida do agrado do Senhor. O amor e a dedicação dos pais devem levá-los a estarem “dispostos a consumir suas vidas como sacrifício ao Senhor, para que seus filhos se aprofundem na fé e se cumpra nas suas vidas a vontade dEle”.⁴²

2.1 Ensino com amor

Conforme Jerusa Vieira Gomes é recomendável que o conhecimento e a socialização primárias sejam os valores legados pela família através dos vínculos de afetividade e respeito. Na socialização primária, são interiorizadas normas e valores, e as formas de relacionamento.⁴³ Essa interiorização de normas e valores somente se efetivará no relacionamento amoroso. Os pais não devem amar seus filhos com o “amor sentimento”, mas com o “amor dever”.

A criança precisa da presença dos pais para rir, jogar, ler, e essa doação de “tempo presença” tem o significado de amor para elas. Amar é uma atitude íntima, um estilo de vida que não se limita a palavras e gestos. Pode faltar aos pais condições de terem todo o tempo necessário à família,

⁴¹ BRONEFENBRENNER apud BENTHO, 2006, p. 26.

⁴² BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1840.

⁴³ GOMES, Jerusa Vieira. **Socialização primária: tarefa familiar?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

e então sonham com os finais de semanas e as férias. No entanto, a presença dos pais é ideal no dia-a-dia. É importante os pais entenderem, porém, que é a devida qualidade do momento junto à criança que nos faz viver melhor um com o outro.

Os pais cristãos têm a obrigação de dar aos filhos o ensino e a disciplina condizentes com a formação cristã. Como exemplo de vida e conduta cristã, devem se importar mais com a salvação dos filhos do que com seu emprego, profissão, trabalho na igreja ou posição social (Sl 127.3).

O que, em muitos casos, tem predominado no mundo hoje é permitir que as crianças sigam o curso natural de seu espírito. Muitos acreditam que elas poderão se “endireitar” depois de algum tempo, deixando seus hábitos e se tornando, afinal, homens e mulheres úteis. As Escrituras insistem: “ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele” (Pv 22.6). Champlin comenta:

De modo geral, um bom “ensino” (sic) significa uma boa criança que se tornou um bom adulto e segue a vereda de retidão por toda a vida. [...] Este versículo exprime um dos pontos fortes dos sábios hebreus, a saber, a insistência no “ensino” (sic) moral de uma criança por parte de seus pais. Esse “ensino” (sic) deve começar bem cedo, quando a mente da criança ainda estiver bastante impressionável.⁴⁴

Uma criança bem formada e respeitada em sua faixa etária provavelmente será um adulto com vida plena e próspera tanto material como espiritualmente.⁴⁵ Uma infância saudável e segura facilitará o adulto lidar melhor com suas experiências difíceis.

2.2 A família como centro formador da espiritualidade

Existem vários conceitos que tentam esclarecer o significado do que é “família”. O Dicionário Aurélio, em um dos seus conceitos sobre família, descreve

⁴⁴ CHAMPLIN, 2000. p. 2648.

⁴⁵ CHAMPLIN, 2000. p. 2648.

⁴⁶ FERREIRA, 2004.

como “unidade espiritual constituída pelas gerações descendentes de um mesmo tronco, e fundada, pois, na consanguinidade”.⁴⁶ O vocábulo “família” procede do latim “famulus”, que queria dizer “servo” e se referia a todos aqueles que viviam sob o poder do patrão. Mais tarde, designou o conjunto de esposa, filhos, servos e escravos que viviam sob a dominação do patrão ou pai.⁴⁷

No atual contexto, no entanto, a família tem se configurado de formas diversas, mudando significativamente a família nuclear⁴⁸, modelo considerado por muitos a “ideal”, ainda transmitida e predominante em nossa cultura.

Hodiernamente, com o individualismo, a globalização, o consumismo desenfreado, a nova ordem econômica mundial, as novas tecnologias e outros fatores que modificam as relações, os modelos de famílias encontrados são tantos, que se torna difícil classificar e principalmente julgar os bons e os maus modelos. Com um considerável declínio da instituição do casamento e uma crescente banalização do divórcio, resultando no aumento da união consensual⁴⁹ e de famílias chefiadas por um só cônjuge, com maior reincidência sobre as mulheres,⁵⁰ a hegemonia da família nuclear está sendo questionada. Independentemente do gênero, essa nova ordem familiar envolve seus membros, levando-os a

⁴⁷ STRECK, Valburga Schmiedt. **Terapia familiar e aconselhamento pastoral**: uma experiência com famílias de baixos recursos. São Leopoldo: Sinodal. 1999. p. 24.

⁴⁸ Conforme Valburga Streck, “a família nuclear ou elementar é formada por um homem, uma mulher e seus filhos”, e de “acordo com os estudiosos, sempre existiu nas sociedades, mesmo nas mais arcaicas”. STRECK, 1999. p. 32.

⁴⁹ Por definição, considera-se como união consensual quando uma pessoa vive em companhia do cônjuge, sem ter contraído casamento civil ou religioso.

⁵⁰ Conforme dados do IBGE, desde a década de 1980, vem crescendo continuamente a proporção de mulheres como pessoa de referência da família. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html#anc3>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

⁵¹ SILVA, Flávia Mendes. **Antigos e novos arranjos familiares**: um estudo das famílias atendidas pelo serviço social. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/ANTIGOS%20E%20NOVOS%20ARRANJOS%20FAMILIARES.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

desempenhar funções de acordo com as necessidades atuais e não mais segundo as práticas tradicionais de uma família nuclear.⁵¹

No contexto judaico-cristão, “família” se inclui nas demais obras criadas por Deus. Após ter criado o homem, “o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18). A intenção do Deus Criador não foi formar um homem apenas, mas o homem e a mulher para relação de amizade e procriação. Toda iniciativa e ação foi da parte de Deus. Deus constatou que a solidão não seria boa para a sua criatura. Chegada a hora por Ele determinada, levou a Adão uma companheira ideal, e instituiu a família para o desenvolvimento físico e espiritual da raça humana. Inicia-se, então, o procedimento que as Escrituras chamam de “uma só carne” (Gn 2.24).

A partir de Gênesis 2.18, podemos depreender que a família está no centro do propósito de Deus para a humanidade. Deus criou o homem e a mulher e estabeleceu para estes um plano relacional, a família. Ela, portanto, tem uma estrutura tanto divina quanto biológica e social. No contexto judaico-cristão, a família existe antes que qualquer instituição ou sociedade. Ela é anterior a nação e a igreja, sendo, portanto, a base para todas as instituições.

John Donne cita que “nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado, todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo”.⁵² “É fundamental a compreensão de que o ser humano não está solto no tempo e no espaço”.⁵³ Embora toda criança deva ser protagonista de sua própria história, essa história, no entanto, estará vinculada a uma

⁵² John Donne, poeta inglês (1572-1631). MARTINI, Marcus de. John Donne: considerações sobre vida e obra. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 33, p. 121-137, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8597/8000>>. Acesso em: 01 mai. 2010.

⁵³ PETRY, Analídia Rodolpho. **Esquizofrenia e representação social**: estudo de casos em Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 35.

⁵⁴ PETRY, 2005, p. 35.

família que integra uma comunidade que, por sua vez, pertence a um contexto sociocultural específico e particular.⁵⁴

No Antigo Testamento o pai desempenhava uma função quase sacerdotal. Antes do estabelecimento formal do sacerdócio pelos levitas, o pai era o responsável em oferecer os sacrifícios a Deus, tanto de sua parte quanto de sua família (Gn 8.20; 12.7,8; 22.2-9). No mais antigo escrito bíblico, o livro de Jó, tem o relato da preocupação de Jó com seus filhos. Sua observação era constante na conduta dos filhos; sempre intercedendo a Deus para que eles experimentassem da parte de Ele a salvação e Suas bênçãos (Jó 1.5).⁵⁵

O ser humano tem alterado os planos que o Senhor preparou para a família. Pode transformar o lar, um lugar que o Senhor preparou para reinar o amor e ter paz, adequado para a formação dos filhos, em um ambiente egoísta e de guerra. Embora a estrutura dessa instituição social e o papel de cada membro que a ela pertença mude, com o passar do tempo, o seu significado para Deus permanece inalterado.

3 O ENSINO, A FAMÍLIA E A SOCIALIZAÇÃO

A família deve ser o meio onde as experiências da vida possam acontecer. Não é preciso esperar que os filhos tenham experiências espirituais, isto é, conhecimento de Deus e Suas leis na igreja, pois o lar pode oferecer estas coisas, e mais adequadamente, pois o tempo de convívio é maior. A Escola Bíblica Dominical, a Escola Bíblica de Férias, os acampamentos cristãos e os cultos para crianças na igreja não retiram da família a responsabilidade do ensino das Sagradas Escrituras. É importante os pais levarem seus filhos à igreja. Porém, mais importante é levá-los primeiramente a Cristo. Num ambiente adequado e com uma linguagem

⁵⁵ BÍBLIA, 1995, p. 769.

acessiva, os pais podem levar a criança a um relacionamento sério com Deus no lar. Tedd, no livro “Instruindo o coração da criança”, escreve:

A vida é uma sala de aula. Isso é verdade. Ensino e aprendizagem estão em processamento vinte e quatro horas por dia. Aqui é onde mora o perigo. Na ausência da instrução formativa, os instrutores da formação secular assumem o controle. Nossos corações são facilmente cativados pelas filosofias enganadoras e vazias de uma cultura ímpia (Cl 2.8). A maioria das culturas interpreta a vida com olhos não regenerados e promovem suas conclusões através de vários meios, que vão desde a propaganda até a educação.⁵⁶

Os filhos necessitam de uma dedicação na integralidade do seu ser em formação, corpo, alma e espírito. No entanto, existem pais que abrem mão dos seus deveres de pais educadores, trocando a repreensão disciplinadora em prol de uma amizade que permite aos filhos liberdade de escolha ilimitada. Eles esperam a amizade de seus pais, mas principalmente a orientação e limites para se sentirem seguros. É da responsabilidade dos pais “moldar neles um temperamento equilibrado, formar um caráter justo e construir uma personalidade saudável”.⁵⁷ Podemos pensar que o termo “caráter” signifique qualidades como honestidade, coragem e paciência. Porém, “caráter é a expressão exterior do que uma pessoa é no interior”.⁵⁸ O que escolhemos ou a maneira como tratamos as outras pessoas, e nossa reação às circunstâncias, são estabelecidas pelo que temos em nosso interior.

A cultura relativista hodierna distorce os valores cristãos. “Os entretenimentos, as artes e a música, a literatura, os costumes, os esportes, o trabalho, o lazer, a recreação, tudo tem sido distorcido para servir à cultura

⁵⁶ TEDD-TRIPP, 2009, p. 19.

⁵⁷ CRUZ, 2006, p. 9.

⁵⁸ CRAWFOR-LORITTS, Karen. **Construindo o caráter do seu filho**. São Paulo: Imprensa da fé, 2004. p. 18.

⁵⁹ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

⁶⁰ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

predominante”.⁵⁹ O propósito é “remover da consciência pública até o último vestígio da verdade cristã”.⁶⁰ A influência sistemática da cultura pós-moderna, sobre nossos filhos, envolve-os e os “ensina o que devem pensar acerca da autoridade, da justiça, da honra, da diversão, da responsabilidade e da orientação sexual”.⁶¹ Somente o ensino dos preceitos do Senhor formará a base que proporcionará à criança não apenas a obtenção de conhecimentos variados, mas também concederá uma visão integrada e coerente de vida, relacionada com o Criador e com os Seus propósitos.

Clara Feldman nos dá alguns princípios da relação interpessoal:

1. A pessoa é, em grande parte, resultado das relações interpessoais que estabeleceu durante sua vida.
2. Ninguém sai ileso de um encontro com outra pessoa.
3. Há sempre uma relação de causa e efeito acontecendo entre duas pessoas – uma causa efeitos sobre a outra e vice-versa.
4. Esses efeitos podem ser para melhor ou para pior, construtivos ou destrutivos, para uma das partes ou para ambas.
5. Esses efeitos são especialmente marcantes quando uma das pessoas é considerada significativa – aquela que tem maior influência sobre a outra devido ao papel social que desempenha.⁶²

“Relacionamento é tudo - começo e fim. Sem relacionamento não temos nada e não somos ninguém”.⁶³ Aristides Ramos entende que o ser humano, fruto da cultura pós-moderna, vive a dualidade entre o relacionamento e o desempenho - desempenhar funções ou relacionar-se

⁶¹ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

⁶² FELDMAN, 2002, p. 45.

⁶³ CAPLAN, Mariana M. A. **Atitudes:** quando os filhos escolhem estilos alternativos de vida. São Paulo: Madras, 2000. p. 25.

⁶⁴ RAMOS, Aristides. **Curso Pastor Urbano.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 13-18 jul. 2009.

com pessoas. Segundo Ramos, pensar com categoria urbana hodiernamente é pensar em desempenho, não no relacionamento. A vida, no entanto, acontece na relação com Deus, com a família e com o próximo.⁶⁴ Toda sabedoria ou sucessos obtidos perdem o sentido quando não se tem alguém com quem partilhar. Os assuntos essenciais do relacionamento não são mais evidentes em outro lugar do que na relação entre pais e suas crianças.⁶⁵

3.1 A espiritualidade judaico-cristã na criança

Alguns pais cristãos não se dedicam à educação espiritual de seus filhos entendendo que a espiritualidade judaico-cristã é uma herança que pertence aos filhos. Ela é inerente aos filhos se os pais forem de Cristo. No entanto, as estatísticas nos dizem que muitos dos marginais e presidiários dos grandes centros são filhos de pais cristãos.

As pesquisas também mostram que há pais que realmente se dedicaram na formação espiritual de seus filhos, mas estes se afastaram da fé cristã. O que pode influenciar uma criança a seguir um determinado comportamento? Infelizmente não há respostas. Os pais devem, no entanto, estar firmados e confiantes na misericórdia de Deus.

3.1.1. Plantar e colher

As Escrituras dizem: “não se enganem: ninguém zomba de Deus. O que uma pessoa plantar, é isso mesmo que colherá...” (Gl 6.7-8). Na organização da vida humana, o Senhor Deus estabeleceu como resultado inevitável a semeadura e a conseqüente colheita. Os que forem comprometidos com o estabelecido nas Sagradas Escrituras terão paz. Não é uma questão de mágica. Deus, em Seu imensurável amor, deixou escrito em Sua Palavra o que é necessário ao ser humano fazer para colher bênçãos espirituais e materiais.

Não podemos deixar de considerar que as leis naturais são para todos.

⁶⁵ CAPLAN, 2000, p. 26.

O acaso pode beneficiar um ser humano perverso. Porém, o pai comprometido com Cristo não deixa o acaso guiar sua família, mas se enquadrará no estabelecido nas Sagradas Escrituras para que seu lar seja abençoado.

É importante entendermos que nunca se colhe a mesma quantidade do que foi semeado; há sempre uma multiplicação. Isso é bom para o fazendeiro, mas deve ser levado em consideração pelos cristãos. Quando se planta uma semente, nasce uma árvore que certamente frutificará. Quando se planta uma cesta de trigo, colher-se-ão muitas cestas de trigo. Isto significa que quando semeamos um pouco de amor colheremos muito amor e, quando semeamos discórdia, colheremos muita discórdia.

O agricultor não espera plantar num dia e ceifar no dia seguinte, mesmo que use a mais avançada tecnologia. Sempre haverá um tempo para a frutificação. A transformação de uma semente em árvore exige tempo. Sem uma compreensão deste aspecto da lei de semear e ceifar, será difícil estabelecer a correta conexão entre a operação de plantar e a de colher.⁶⁶ Na dimensão espiritual da semeadura e da colheita, colhemos em nosso relacionamento com Deus, com os seres humanos, nos hábitos da vida, em nossa reputação, nossa utilidade no Reino de Cristo e para a eternidade.

3.2 Evangelizando a criança

O Evangelho é o centro de toda a teologia escriturística, “por meio do qual é dada a revelação da justiça de Deus e do elevado destino dos remidos”,⁶⁷ portanto, parte central na criação dos filhos. O Evangelho é a única esperança do perdão divino, de mudança interior e profunda.

O termo “evangelismo”, derivado da palavra “evangelho”, que vem

⁶⁶ MACLISTER, Roberto. **Perdão**: o segredo da cura total. Rio de Janeiro: Carismo, 1981. p. 65-71.

⁶⁷ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia. 1995. v. 3. p. 573.

do grego “*evaggelion*” - literalmente significa “boas novas” - acrescido da partícula “ismo”, denota sistema. Evangelismo, portanto, envolve os princípios, os métodos, as técnicas e as estratégias empregadas na ação de evangelizar. Champlin diz que o Evangelho, no Novo Testamento, “refere-se às ‘boas novas de salvação’, ao anúncio sobre o Reino de Deus, à mensagem de perdão que Deus enviou aos homens”.⁶⁸

Evangelizar é uma ordem imperativa de nosso Senhor Jesus Cristo, exarada nas Escrituras Neotestamentárias (Mc 16.15). O alcance da ordem imperativa de Cristo é extensiva a toda criatura, independente de faixa etária, isto é, abrangem adultos e crianças.

Evangelismo infantil, por sua vez, consiste na utilização de princípios, métodos, técnicas e estratégias na ação de evangelizar ou expor as boas novas da salvação em Cristo para as crianças. A criança está ávida por aprender; isso oportuniza o ensino das “boas novas”, conforme as Sagradas Escrituras.

A iniciativa de Deus na salvação não priva ninguém, porque ela visa a salvação de todo ser humano. Boa parte do pensamento moderno parece acreditar que necessitamos de educação e não de salvação; de um campus, e não de uma cruz; de um planejador social e não da propiciação de um Salvador.

As Escrituras dão grande valor à alma de uma criança. Jesus usou como exemplo uma criança, quando ensinava sobre humildade. E condenou com veemência aqueles que as escandalizassem (Mt 18.5-6). Levar uma criança à Cristo é mais que uma responsabilidade, é um mandamento do Senhor. Deus ama cada criança e quer que todas se salvem, mas Ele somente as salvará se nós as evangelizarmos e se elas, persuadidas, decidirem-se por Cristo.

A criança passa por um processo gradual de aprendizado. A evangelização não deve produzir algo pronto, mas suprir o que é preciso para que o processo de crescimento se desenvolva de maneira normal e salutar. O evangelismo, ao

⁶⁸ CHAMPLIN, 1995. p. 574.

anunciar as boas novas, preocupa-se com a transformação progressiva da criança no caráter, valor, motivação, atitudes e entendimento do próprio Deus (Mt 28.20), proporcionando o conhecimento da vida eterna dentro da personalidade da criança, levando-a em direção à semelhança de Cristo.

Como já abordamos, há o conceito de que a salvação é herança para os filhos, se os pais forem de Cristo. Este conceito é falso. Não basta serem filhos de cristãos; todas as crianças precisam ser evangelizadas, isto é, persuadidas acerca da necessidade de serem salvas por Cristo. Elas precisam conhecer a Cristo pessoalmente. Podemos, porém, com sutileza, influenciar e até pressionar a criança a fazer “uma decisão” de segui-lo, decisão esta fundamentada na tentativa de agradar os homens e não a Deus.⁶⁹

Também não é aconselhável evangelizar as crianças e depois abandoná-las; temos que fortalecê-las para resistirem às tentações e serem fiéis até o fim. Muitos pais erram ao isolar seus filhos de sua experiência religiosa, porque acham que são pequenos e não entendem. Com isto, afastam deles a possibilidade do fortalecimento da semente do Evangelho, plantada em seus “corações”. É essencial que os filhos aprendam a reconhecer seu dever de fazer alguma coisa para o Reino de Deus. Para isso, desde cedo, deve ser implantado na criança o desejo de ser útil para o Reino, servindo a Deus e o ser humano sem preconceitos.

3.3 Valores Insubstituíveis na Formação dos Filhos

O sacerdote, no Antigo Testamento, era mediador entre Deus e o povo, oferecendo sacrifícios e orando em seu favor. No Novo Testamento, todos os cristãos são sacerdotes (1Pd 2.9). Dentro do lar cristão, os pais são os sacerdotes da família que, no contexto bíblico, reflete com clareza o ensino

⁶⁹ FERREIRA, Marilene do Amaral Silva. **Evangelização e discipulado com crianças**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/evangelismo/evangelismo_crianças.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

das Escrituras em amor, que é a expressão máxima do relacionamento familiar. No relacionamento sacerdotal entre pais e filhos, existem alguns valores insubstituíveis na construção do infante - projeto do Senhor. Podemos citar os que seguem.

3.3.1 O amor

Talvez seja difícil para alguns pais entenderem e se entregarem com amor incondicional a seus filhos. No amor existe uma dialética da posse e da ausência de posse. Desde que se ama seriamente cessa-se de pertencer a si mesmo, despoja-se para se oferecer. Portanto, o amor incondicional dos pais aos seus filhos, se alimenta no prazer de dar e não pelo que receberá em troca.⁷⁰ O caminho para esse amor é difícil, pois exige sacrifício.

A criança constrói o seu amor próprio, como também desenvolve seu amor ao próximo, principalmente, a partir do amor que lhe é oferecido por seus pais. Primeiro, ela deve se sentir amada para começar a se amar e amar os outros.⁷¹

A criança tem dificuldade em entender o termo abstrato “amor”. Os pais podem dizer muitas vezes à criança que a amam, todavia ela entenderá mais claramente esse amor através da linguagem objetiva do brincar, jogar, rir, etc. Quando beijamos, abraçamos ou fazemos carinho a um filho aflito, estamos mais do que o consolando. “Estamos lhe proporcionando algo essencial para o seu desenvolvimento físico e emocional saudáveis”.⁷² O contato físico por parte dos pais, irmãos e outras pessoas próximas da criança é de importância vital para o seu desenvolvimento, trazendo-lhe tranquilidade e segurança. As crianças podem interpretar a falta de carinho como falta de amor.

Ângela Marulanda comenta que “infelizmente ainda há muitos tabus

⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 100.

⁷¹ FELDMAN, 2002, p. 37.

⁷² MARULANDA, Ângela. **O desafio de crescer com os filhos**: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 66.

⁷³ MARULANDA, 2004, p. 67.

a respeito do contato físico e do carinho, especialmente para com os filhos homens”.⁷³ Muitas vezes os pais se permitem acariciar a filha, mas não o filho, temendo a possibilidade de se tornar pouco viril. Esses pais têm dificuldade em expressar seus sentimentos em afagar os filhos, porque possivelmente não tiveram esse contato com seus pais. Aprenderam e agora ensinam a seus filhos que para ser homem tem que ser autossuficiente e se esconder numa máscara de “durão”. “Nada mais errado do que acreditar que as demonstrações afetivas podem fazer mal a um filho”.⁷⁴

Admirar algo bom e agradável, ou amar alguém porque é simpático, talentoso, inteligente, é uma situação confortável. Alguns pais poucas vezes elogiam o trabalho feito pelo filho. Entretanto, são detalhistas e precisos em lhes apontar os erros. Amar verdadeiramente, no entanto, é aceitar as condições adversas. O sentimento pode ser contrário, mas o amor deve continuar.⁷⁵ Para Jacobsen,

Os pais que verdadeiramente amam seu filho estão dispostos a sacrificar seus desejos para criar uma harmoniosa atmosfera familiar à qual o pequenino possa sentir que pertence, e na qual é aceito tal qual é, e querido por si mesmo. A criança que conhece esse tipo de amor pode ajustar-se a quase tudo; tem uma segurança básica que ajuda a protegê-la do temor. Sem esse amor altruísta, embora façam “tudo o que o livro manda”, os pais jamais conseguirão ser bem sucedidos.⁷⁶

Amar é se oferecer em sacrifício por quem se ama. Há um afastamento diametral entre o amor e o egoísmo. A busca e o desenvolvimento deste amor no nosso ser é o caminho a ser seguido pelo cristão. Formar Jesus em nós (Gl 4.9) nada mais é que conseguirmos amar como Jesus nos amou.

3.3.2 Figura materna e paterna

Não devemos transferir a ninguém a responsabilidade de mãe e pai.

⁷⁴ MARULANDA, 2004, p. 68.

⁷⁵ JACOBSEN, 1985, p. 10.

⁷⁶ JACOBSEN, 1985, p. 10.

Para se tornar uma pessoa sadia e madura, a representação da figura paterna e materna é fundamental na formação, no desenvolvimento e construção moral, social, emocional e psicológica da criança. A criança criada sem referencial masculino ou feminino pode se tornar aversiva às ordens dadas por representantes masculinos ou femininos, respectivamente. A figura do pai, ou pai substituto, faz-se necessária para ensinar seu filho a canalizar e conter sua energia agressiva de forma socialmente aceitável, através de esportes, trabalho físico ou outras atividades energéticas que, por tradição, são realizadas por homens. Sem a mentoria do pai ou figura masculina substituta, essa energia agressiva pode se expressar cegamente e se tornar inútil ou destrutiva.⁷⁷

Algumas mães reagem positivamente à masculinidade de seus filhos. Para outras, no entanto, a presença do filho em suas vidas pressagia ameaça e perigo. Elas têm ideias distorcidas ou estreitas sobre a masculinidade saudável. As mães estimulam seus filhos homens afirmando e encorajando sua natureza masculina, porém os instintos protetores maternos podem dificultar tal tarefa e a figura paterna ajuda o filho a se emancipar dessas atitudes maternas.⁷⁸

As filhas, por sua vez, assimilam o modelo das atitudes que as mulheres podem esperar do sexo masculino, na observação do relacionamento entre seus pais. “A ausência do pai produz efeitos negativos no desenvolvimento psicosssexual das filhas”.⁷⁹

Conforme Evelyn Bassoff, ao se comprometerem com o cuidado compartilhado dos filhos, na proteção e nutrição, preocupando-se com a disciplina e se regozijando juntos, mãe e pai são levados a uma intimidade diária a partir da qual pode nascer um amor conjugal forte, profundo,

⁷⁷ BASSOFF, Evelyn S. **Entre mãe e filho**: o que fazer para seu filho se tornar um adulto feliz e realizado. São Paulo: Saraiva, 1996. p. 27.

⁷⁸ BASSOFF, 1996, p. 28.

⁷⁹ MARULANDA, 2004, p. 18-19.

⁸⁰ BASSOFF, 1996, p. 121.

duradouro e inquebrável.⁸⁰

Ultimamente, porém, temos testemunhado a decadência do casamento, que traz sofrimento aos filhos do divórcio e também aos casais magoados. Quando um casal decide se separar, surge uma fase de turbulência causada pelas muitas negociações para decidirem como será a nova vida de cada um deles. Mesmo que o rompimento conjugal seja de comum acordo, esta fase significa muito mais que uma simples separação. Nessa turbulência, ambos devem ajudar os filhos de maneira especial durante o período de tensão. Os filhos geralmente modificam seu comportamento com cinismo, amargura e pouco caso com autoridades e sentimentos alheios, quando percebem a tensão produzida pela separação dos pais no lar. Um senso de incapacidade de melhorar a situação, e uma sensação de estar sendo abandonados por um dos pais desarranja seu mundo. Os pais devem aliviar essas sensações, assegurando-lhes que o problema não é culpa deles. O divórcio não termina com a ação do tribunal. “Muito tempo depois de soluções práticas terem sido encontradas para a ruptura, ainda permanece grande fermento social e moral que, apesar de invisível, afeta profundamente as vidas de todos os que estão envolvidos”.⁸¹

A criança pode sair ilesa ou mesmo fortalecida quando sofre a falta paterna, materna ou do divórcio de seus pais, através da resiliência, que é a capacidade de se recobrar ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.⁸² A psicóloga Joviana Avanci entende a resiliência como uma capacidade que é construída desde o nascimento, possivelmente até antes.⁸³ Maria Cristina

⁸¹ JACOBSEN, 1985, p. 97.

⁸² MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 88.

⁸³ AVANCI, Joviana. Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação. **IHU Online**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=773&id_edicao=269>. Acesso em: 26 ago 2008.

Ravazzola cita, em seu trabalho *Resiliências familiares*, que:

Nesse caminho, encontrei as concepções da resiliência de grande interesse para pensar sobre os problemas de violência familiar, maus-tratos infantis e abusos sexuais em criança. Apesar das descrições sobre as consequências das experiências sofridas por algumas pessoas, tanto na bibliografia, como na experiência de colegas das redes em que me baseio, também surgiram descrições de desenvolvimento de pessoas que não seguiam as predições de sintomas e danos, citados pelas teorias tradicionais sobre a conduta humana.⁸⁴

Embora os filhos que têm pais ausentes enfrentem dificuldades psicológicas, não estão condenados a ser mal ajustados ou infelizes. Ninguém pode, naturalmente, substituir a mãe ou o pai biológico ausente na vida de uma criança, mas, na ausência de um deles, pode-se conduzir a criança a outros modelos vivenciais de força e integridade. “Outras pessoas que são presenças temporárias e não permanentes na vida da criança, como seu treinador, os pais dos amigos, os amigos da mãe e seus professores, podem, positivamente, afetar seu desenvolvimento saudável”.⁸⁵

3.3.3 Disciplina

A palavra “disciplina” é de raiz latina e significa ensinar, instruir, educar. A disciplina às crianças em uma família é tão necessária quanto os ligamentos no corpo humano. O propósito da disciplina é modelar o caráter da criança, formando um homem ou mulher com qualidades morais e intelectuais. Calvino cita que, sem aconselhamento e admoestação, o discurso com objetivo de ensino equivale a jogar palavras no ar.⁸⁶ Muitos pais, hodiernamente, entendem que as crianças precisam de liberdade absoluta para o seu desenvolvimento, pensam que o “não pode” inibe o

⁸⁴ RAVAZZOLA, Maria Cristina. **Resiliência familiar**. In: MELILLO, 2005. p. 79.

⁸⁵ BASSOFF, 1996, p. 142.

⁸⁶ CALVINO apud FERGUSON; WRIGHT, 1992, p. 298.

⁸⁷ TIBA, Içami. **Quem ama, educa**: formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare, 2007. p. 77.

desenvolvimento de sua personalidade. Tudo é permitido. Elas precisam de liberdade total para se expressar. Essa forma de educação pode levar a criança a sérios prejuízos. Içami Tiba diz que “o prazer do ‘sim’ é muito mais verdadeiro e construtivo quando existe o ‘não’”.⁸⁷ A atual geração se deixa guiar erradamente por uma psicologia superficial. O conceito hedonista deifica os desejos, proclama uma liberdade que libera os nossos impulsos para encontrar gratificação a qualquer preço. Sem disciplina, a criança não aprenderá como realizar a mais elementar tarefa da vida. Deixando a criança absorvida nos prazeres, permitindo que esses assumam o controle, terá dificuldade em completar compromissos com estudo, trabalho, etc... Não é fazendo tudo o que deseja que a criança crescerá forte e resoluta.⁸⁸

As Sagradas Escrituras nos dizem que o próprio Deus usa a disciplina a Seus filhos amados (Hb 12.6). A disciplina, quando aplicada, não parece ser motivo de alegria. Os resultados, entretanto, mostraram o seu valor (Hb 12.11).

A disciplina não significa agressão, nem física, nem verbal, nem psicológica, nem comportamental. Disciplinar, instruir ou educar não é exigir das crianças comportamento de adulto. Elas são crianças e é bom que ajam como crianças. O propósito disciplinar inicial dos pais deve ser o de capacitar seus filhos a se integrarem bem na família, para o benefício mútuo de cada membro. A disciplina incorrerá em limites que protejam a criança. Toda criança precisa de limites. Esses limites devem ser claros para ela. Para aprender, ela precisa conhecer a razão dos limites que recebe. Conforme Elaine Cruz, “todo indivíduo precisa ser controlado e instruído para fazer o bem desde que nasce: nossas atitudes são aprendidas”.⁸⁹

Observam-se tanto os exageros nos castigos físicos, quanto o total abandono na educação dos filhos pelos pais (Pv 19.18; Pv 29.15).

⁸⁸ NOVELLO, 1987, p. 261.

⁸⁹ CRUZ, 2006, p. 223.

Champlin, comenta:

A maior parte da disciplina física que é aplicada por nossos pais baseia-se mais na impaciência ou nos desejos egoístas deles do que em um espírito de amor e no desejo de obter boa disciplina. Além disso, há um extremo de tratamento cruel, mediante o qual os pais ferem ou mesmo matam seus filhos. Um bom pai ou mãe pode encontrar outros meios disciplinares exatamente tão eficazes, ou mais ainda, do que provocar dor física em seus filhos, mesmo que essa dor seja administrada com moderação e amor.⁹⁰

Entreter filhos é fácil. Podemos dar televisão, internet, jogos eletrônicos, “liberá-los”, etc. Educá-los com limites é uma responsabilidade que denota seriedade. Significa saber quais são seus programas na televisão, seus acessos na internet, quem são seus amigos, etc.

3.4 Comunhão entre os pais e dos pais com os filhos

Um dos pilares no relacionamento familiar é a comunhão. Possíveis erros (a serem ajustados), vitórias (a serem compartilhadas), feridas (a serem tratadas) precisam de um espaço na família, proporcionado pela comunhão.⁹¹ Na verdade, a má ou boa comunhão entre os pais refletirá sobre os filhos.

Dietrich Bonhoeffer comenta em sua obra *Vida em comunhão*, que: “sem Cristo reina inimizade entre Deus e os homens e entre homens e homens”.⁹² Isto significa:

Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso. Quer se trate de um encontro breve ou de uma comunhão diária durante anos, a comunhão cristã é somente isso. Pertencemos

⁹⁰ CHAMPLIN, 2000. p. 2604.

⁹¹ FEITOSA, Eucir. **Paternidade responsável**: meditações para os pais. São Paulo: MHW, 2008. p. 55.

⁹² BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 10.

⁹³ BONHOEFFER, 1986, p. 10.

⁹⁴ CABRAL, Elienai. **Comentário bíblico**: Efésios. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 137.

uns aos outros tão somente mediante e em Jesus Cristo.⁹³

Os pais têm a responsabilidade de refletir Deus à seus filhos, numa comunhão cristã, ajudando-os a descobrir quem é Deus (Cl 1.10). O conhecimento e a socialização como valores colocados no coração de uma criança são eternos, tanto para o bem quanto para o mal.⁹⁴

3.6 Instrução religiosa à criança e as faixas etárias

Gene Getz entende a expressão “instrui o menino no caminho em que deve andar” (Pv 22.6a), como sendo instruir a criança de acordo com as necessidades dela em sua faixa etária. Getz divide as faixas etárias por necessidades específicas, isto é: fase exploratória; fase da imitação; fase da identificação e a fase da conscientização.⁹⁵ Conforme Laude Erandi Brandenburg,

Para que o trabalho seja eficiente, torna-se necessário focar, com toda seriedade, a fase em que as crianças se encontram, como se apresentam suas necessidades e como se dá o seu desenvolvimento religioso. [...] Nos primeiros três anos de vida não é possível imaginar o enfoque da dimensão religiosa num só bloco, pois as mudanças são muito significativas de um ano para o outro.⁹⁶

É recomendável que os pais reconheçam a posição em que os filhos estão colocados, isto é, em que faixa etária e sua respectiva necessidade, e educá-los sob o jugo de Cristo que é suave (Mt 11.30), na disciplina do Senhor que é o caminho da vida (Pv 6.23), que produz fruto pacífico de justiça (Hb 12.11), e sob as advertências do Senhor (Hb 12.24), ou seja, a voz do Senhor falada através das Escrituras (Jo 5.24).

Os pais precisam se esforçar para criarem seus filhos sem os frustrar,

⁹⁵ GETZ, Gene A. **Relacionamentos familiares na família de Deus**. São Paulo: Sepal, 2008.

⁹⁶ BRANDENBURG, Laude Erandi. **O ensino religioso e a educação infantil**. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 102.

⁹⁷ GETZ, 2008.

irritar ou desanimá-los (Ef 6.4; Cl 3.21). Desanimamos ou frustramos nossos filhos quando: 1) negligenciamos-los; 2) não os entendemos; 3) esperamos demasiado deles; 4) os amamos de forma condicional; 5) os forçamos a aceitar nossos alvos e ideias; 5) não admitimos os nossos erros.⁹⁷

3.6.1 Fase exploratória (0 a 1 ano)

Nessa fase o bebê necessita de um abraço com suavidade e firmeza; o contato amoroso da mãe ou do pai em seu corpo o conforta. Laude Erandi Brandenburg cita que “a impressão de mundo que se constrói nessa fase está baseada nas formas de manutenção da vida, em suas necessidades básicas”.⁹⁸ Isto significa que o conceito de Deus se desenvolve com base e nessas primeiras impressões, conclui Brandenburg. Em alguns meses de vida do bebê, já se pode perceber suas emoções de medo, raiva, timidez, contentamento, alegria e afabilidade claramente visíveis, as quais mudam com rapidez. Conforme Içami Tiba, “o recurso infantil mais comum é fazer os pais sentirem-se mal por não atenderem os pedidos dela”.⁹⁹ Ele pode se tornar demasiadamente dependente de alguma pessoa, caso não lhe seja dada a oportunidade de conviver com outras pessoas. As atividades de uma criança perto de um ano são bastante grandes, e é preciso vigiá-la constantemente. Toca em todas as coisas, mas é capaz de deixar de tocar quando alguém diz: “não”. Nesta fase, se o “não” for bem definido a criança começa a aprender o que deve evitar; se o “não” for muito e incoerente, poderá torná-la confusa.¹⁰⁰

3.6.2 Fase da imitação (1 aos 2 anos)

Nesta fase a criança está alerta, olhando e ouvindo tudo o que é novidade. Não deve ficar sozinha, mas protegida de coisas ou produtos que podem lhe causar danos, como tomadas de eletricidade, por exemplo.

⁹⁸ BRANDENBURG, 2007, p. 102.

⁹⁹ TIBA, 2007, p. 125.

¹⁰⁰ JACOBSEN, 1985, p. 22-28.

A criança quer fazer o que seus pais fazem. Deseja ajudar e participar de tudo o que acontece na casa. No desenvolvimento de sua consciência, a criança necessita que os pais a eduquem de forma que reconheça o que é certo e o que é errado. A criança tem capacidade de conhecer o Pai Celestial, e é necessário que veja os pais honrando a Pessoa e a presença de Deus. Ela deve comumente ouvir e sentir que “mamãe me ama”, “papai me ama” e “Jesus me ama”; que a Bíblia é um livro especial, “o livro de Deus”.

Suas alegrias, oportunidades e problemas estão todos ligados à dependência da mãe e do pai. Por essa razão, é dever dos pais mostrarem, através de seu exemplo, sua gratidão a Deus, por todas as coisas que têm. Manter a disciplina através de horários regulares, aproveitando os horários calmos para camaradagem, amizade, oração e histórias, é eficaz no crescimento da criança. No final dos dois anos, a criança terá conseguido usar todos os sentidos físicos.¹⁰¹

3.6.3 Fase da identificação (2 aos 3 anos)

O menino quer ser igual ao pai, e a menina igual a mãe. Embora em todas as fases o exemplo seja essencial, nesta, o modelo exemplar para os filhos possivelmente seja fundamental. Com dois anos, a criança pode demonstrar alegria, exaltação e afeição. Mesmo sem suficiente conhecimento de alguns perigos, ela pode sentir medo, chorar, fugir, agarrar-se ou ficar quieta. Nessa fase, quando contrariada, a criança pode se zangar. Ela pode ser forçada a fazer o que lhe impusermos, mas os melhores resultados serão quando lhe dermos exemplos para seguir, mas que não sejam demasiadamente difíceis para ela. Nessa idade, podemos introduzir a criança na Escola Dominical.¹⁰²

¹⁰¹ JACOBSEN, 1985, p. 29-37.

¹⁰² JACOBSEN, 1985, p. 43-46.

¹⁰³ CRUZ, 2006, p. 97.

3.6.4 Fase da autoconscientização (3 aos 4 anos)

Fase da conscientização de si mesmo, ou seja, a criança deseja ser ela mesma. Porém, a estrada que a leva à independência é pedregosa. Gosta de fazer perguntas, às vezes repetidamente. Isso requer que os pais respondam a todas com carinho.

“A necessidade de imitar e de opor-se aos outros, de competir e de apropriar-se do que é do outro pode gerar algum desentendimento”.¹⁰³ Pode, porém, comportar-se na Escola Dominical e participar direitinho no culto todo, quando levada a participar. Para um bom desenvolvimento emocional da criança é importante que os pais estimulem seus filhos a conviverem com amigos. Isso a levará a aprender a compartilhar objetos e experiências, e a aceitar regras para suas brincadeiras. Pode confundir Deus Pai e Deus Filho, mas, com o tempo, situar-se-á naturalmente. Orar é natural para a criança nessa idade, e um aspecto a ser estimulado.¹⁰⁴

3.6.5 Fase dos 4 aos 5 anos

Nesta idade a criança já não é mais um bebê. Pode deixar com facilidade a mamãe e o papai para tomar parte em atividades com outras crianças, participando de brincadeiras. Manifesta amor filial principalmente quando foi amada. Pode participar ativamente da vida em família, tendo um relacionamento pessoal com os pais. Participará de oração com todo entusiasmo, quando esta tiver significado compreensível para ela. Tendo idade suficiente para perceber quando fez algo errado, poderá também compreender e crer que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Essa idade pode marcar o seu encontro com Cristo. Os pais podem, a partir dessa idade, levá-la a entregar sua vida a Cristo, orando individualmente por essa necessidade.¹⁰⁵

¹⁰⁴ JACOBSEN, 1985, p. 47-55.

¹⁰⁵ JACOBSEN, 1985, p. 58-66.

3.6.6 Fase dos 5 aos 6 anos

Nesta faixa etária a criança é curiosa, quer saber como as coisas funcionam. Gosta de explicações que lhe proporcionem entendimento, e também de brincar com outras crianças. É importante que se associe a seus pares e aprenda tanto a ficar sozinha quanto a cooperar com grupos.

“O código moral de uma criança de cinco anos é absorvido e não ensinado”.¹⁰⁶ Sua moralidade será reflexo do lar, dos pais, amigos, igreja, televisão e livros, tanto positivo quanto negativo. Nessa fase, a criança age impulsivamente; sem reflexão, pode repetir qualquer ato que lhe traga prazer. Às vezes, por não conhecer a nossa verdade ou não conhecê-la bem, a criança parecerá tratar a verdade com pouco caso. Sua imaginação fértil pode fazê-la contar histórias inventadas pelo que gostaria que acontecesse. Para inspirar a criança a falar sempre a verdade, é necessário proporcionar-lhe a confiança de que seus erros serão tratados por pais amorosos.

A criança de cinco anos compreende melhor um mundo feito por “um Ser Superior”, e deseja se relacionar, pessoalmente, com esse Ser. A criança “acha difícil, se não impossível, entender que toda criação seja fruto de evolução”.¹⁰⁷ Ela associa Deus a tudo que é bom, verdadeiro e belo quando o ambiente lhe transmite essa impressão. Quando os pais são demasiadamente rígidos, a criança pode associar a figura de Deus a um pai pronto a castigar quando Seu filho se comportar mal.

Nessa idade ela já pode planejar e realizar algum propósito por si, e já está apta a compreender alguns dos planos de Deus tanto para ela quanto para o mundo. Embora não consiga entender conceitos espirituais abstratos, pode ser levada a entender que Deus a fez, ama e cuida dela, dando-lhe uma família, a partir da qual Ele providencia o alimento, a roupa e todas as coisas boas que ela tem. É importante que os pais levem a criança a

¹⁰⁶ JACOBSEN, 1985, p. 74.

¹⁰⁷ JACOBSEN, 1985, p. 76.

pedir coisas específicas a Deus, e também a ensinem a gratidão.

4.6.7 Fase dos 6 aos 7 anos

Nesta faixa etária a criança deseja ser aceita no grupo e espera uma opinião favorável desse grupo. Ela deseja um destaque, porém nem sempre sabe como obtê-lo. Ainda encontra dificuldade em determinar o que é real e o que é “faz de conta”. A escola lhe traz um grande desafio; é onde ela, possivelmente mais independente, por si só, precisa se sair bem.¹⁰⁸ Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “seu senso de competição, o desejo de sobressair, a percepção social e o julgamento crítico de seu próprio trabalho apresentam problemas para o adulto que lidera um grupo”.¹⁰⁹

Nessa idade ela está sensível à natureza que a cerca, proporcionando-lhe uma experiência agradável de louvor e adoração a Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento. Ela pode entender que o Senhor Jesus levou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz a fim de vivermos uma vida correta. Isso a leva à consciência dos próprios erros e à motivação em deixá-los, voltando-se para o Senhor Jesus.

Gosta que leiam para ela, oportunizando aos pais a leitura da Bíblia. Eles devem considerar que ainda lhe são difíceis os conceitos abstratos. Portanto, é o momento para tornar conhecidos aos filhos os personagens da Bíblia, que são concretos.¹¹⁰ Os pais devem estar atentos ao que a criança diz, pois isto muitas vezes servirá para ajudá-la.

Nessa idade a criança quer participar do culto doméstico, o qual deve ser adaptado às faixas etárias que dele participam. A associação prazerosa da criança nessa idade com a Bíblia, a igreja, o culto, o pastor, seus

¹⁰⁸ CASALE, Franco Del. **Ajuda-me a crescer**: desenvolvimento evolutivo dos 0 aos 16 anos: análise transacional e terapia refocalizadora. São Paulo: Summus, 1986. p. 132.

¹⁰⁹ JACOBSEN, 1985, p. 81.

¹¹⁰ CASALE, 1986, p. 137.

¹¹¹ JACOBSEN, 1985, p. 86-87.

professores da Escola Dominical e os irmãos da igreja lhe trará alegria e sentido à vida cristã. A associação da igreja como a “casa de Deus” deve ser o mais agradável possível. Os pais devem proporcionar as mudanças necessárias para que seus filhos consigam avaliar a ordem e a beleza do prédio da igreja e a qualidade especial de ser a “casa de Deus”.¹¹¹

3.6.8 Fase dos 7 aos 8 anos

Nesta faixa etária a criança começa a pensar por si mesma; acha que entende tudo e quer tudo à sua maneira.¹¹² No desenvolvimento natural, a criança nessa faixa etária pode, muitas vezes, ser egocêntrica, centralizando o universo em si mesma. Possuindo ainda dificuldades para decidir, tem que se adaptar para conviver em dois mundos diferentes - o lar e a escola - que lhe apresentam estruturas, regras, deveres e haveres diferentes. Num comportamento emocionalmente excitável e desafiador, está mais sensível aos sentimentos, atitudes e ações das pessoas para com ela própria, desejando que a elogiem, aprovando suas ações.¹¹³ Seleciona seus amigos entre aqueles com quem convive, os que vão à mesma escola e igreja, no que os pais precisam estar alertas para as más companhias.

Está se tornando cada vez mais consciente do que é certo e errado. Porém, sua ética está fundamentada em sua idade e experiências. Tende a reconhecer que há uma força interior que a leva à tentação de enganar e a fazer coisas erradas mesmo quando não quer fazê-las. Aceita a culpa com mais facilidade.

A Bíblia pode ocupar um lugar central na vida da criança de sete anos se, na hora do culto doméstico, ouvir pedaços curtos e apropriados dela. Como começa a guardar mais da Palavra de Deus no “coração”, pode ser ensinada a uma conduta ética com instruções específicas, frequentes e positivas quanto às ações corretas, que passarão a ter significado na medida em que são relacionadas à sua própria experiência. Nesta faixa etária, a

¹¹² CRUZ, 2006, p. 105-106.

¹¹³ CASALE, 1986, p. 138,139.

criança está suficientemente capacitada a entender que o Senhor Jesus Cristo pode ser seu Salvador e Ajudador. O plano salvífico, com linguagem simples, tirada da Bíblia, que tem poder divino de avivar a consciência, criando uma consciência verdadeiramente reta, deve ser “inculcado à criança, falando assentado em casa, e andando pelo caminho, e ao se deitar, e ao se levantar”. É reconfortante para a criança saber que Deus a ama e que Seu amor se estende a todas as pessoas, em todo o tempo. A ideia certa ou errada que a criança faz acerca do caráter de Deus é básica para seu ajuste espiritual.

Mais ou menos nessa faixa etária a criança se tornará consciente de diversas coisas importantes, como, por exemplo, as diferenças sexuais e a consequente exigência do infante acerca de sua privacidade. Começa a enfrentar situações novas no dia a dia. Frente a essas necessidades, os pais devem se preparar adequadamente para dar respostas simples e honestas, satisfazendo a criança, e esperar que ela mesma faça a próxima pergunta. Estabelecer limites amistosos e firmes, dando instruções específicas à criança, ajudará no aprendizado de uma conduta ética. A sugestão de uma atividade imediata substitutiva ajudará a evitar a inconveniência de se dar demasiada ênfase sobre determinadas ocorrências desagradáveis.

4.6.9 Fase dos 8 aos 9 anos

Nesta fase a criança é mais consciente de si própria e, “por vezes, pode ficar tão absorta em seus pensamentos, que parece estar ‘no mundo da lua’ e nem ouve as ordens que lhe são dadas”.¹¹⁴ Gosta de assistir filmes; televisão e bons livros também podem fazer parte de sua vida, e os pais podem ajudá-la nessas escolhas. Começa a fase da turminha, formada por diferentes interesses entre os meninos e as meninas e que se disputa num espírito de liderança.

¹¹⁴ CRUZ, 2006, p. 105,111.

Mais extrovertida, a criança entre oito e nove anos começa a agir menos por impulso e mais pela reflexão. Apesar de ainda precisar de instruções sobre como agir em uma situação nova, compreende muito melhor do que anteriormente as restrições e oportunidades de horas e lugares. Os pais devem empreender esforços em explicar à criança, nesta faixa etária, a razão, a lei por trás do que acontece, para que ela não cresça acreditando na sorte ou choramingando, mas tenha a capacidade de escolher com sabedoria e acerto, em imaginação, sabendo com antecedência as várias consequências de suas ações. Estabelece normas bem altas para si mesma e tenta viver de acordo com elas, mesmo no conflito dos padrões morais que encontra no lar, na igreja, na escola e na vizinhança. Sua autoestima dependerá do respeito e consideração aos seus desejos.

Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “aos oito anos, a criança experimenta definitivamente uma sensação de culpa e separação de Deus quando faz algo errado, e uma sensação de restauração quando se arrepende”,¹¹⁵ promovendo uma experiência de comunhão com Deus. Os pais devem encorajar a confissão e arrependimento necessários e assegurar ao filho a restauração à comunhão. A vida muda quando estruturas e disciplinas de fora são sugeridas para a criança. Se não ampararmos dando uma estrutura sólida aos nossos filhos - modelo - eles dificilmente a criarão dentro de si mesmos. A criança desta idade pode se envolver intensamente em oração de intercessão. Para que o modo de pensar da criança nesta faixa etária seja salvaguardado, é fundamental o ensino dos padrões divinos, que poderão levá-la a procurar a presença de Deus, e aprender a conhecer o Senhor como Amigo, Companheiro e Ajudador.

Portanto, o ensino bíblico no lar será fundamental para o aprendizado dos mandamentos divinos (Mt 5). E a criança absorverá mais facilmente esses fundamentos através de diversas histórias da Bíblia que deem forma

¹¹⁵ JACOBSEN, 1985, p. 110.

concreta aos princípios da Lei de Deus.

3.6.10 Fase dos 9 aos 10 anos

Nesta faixa etária a criança passa da dependência à independência em muitas áreas da vida, e deseja tomar as suas decisões sozinha. Nas decisões autônomas na área espiritual, os pais precisam ajudá-la a escolher e se submeter à autoridade de Deus.¹¹⁶ Nesta idade, ela compreende as razões para a maior parte das regras acerca da verdade e honestidade, direitos de propriedade e direitos pessoais de outros indivíduos, tem consciência de que é errado mentir e furtar, não apenas em exemplos concretos, mas também em abstratos. Seus códigos de conduta e justiça estão sendo fixados. Compreende as explicações às suas perguntas e tanto deseja quanto precisa de respostas diretas e honestas. Suas ações deixam de ser tão imaginativas; age mais realisticamente conforme as suas próprias aptidões, o que pode ser diferente entre as crianças. Este é um momento propício para os pais incentivarem seus filhos a planejarem projetos espirituais. Motivada, a criança consegue planejar um projeto próprio e trabalhar nele por dias e até mesmo semanas, podendo, no entanto, perder o interesse e abandonar o projeto.

A criança está crescendo física, intelectual, moral e espiritualmente, e sua responsabilidade e autoconfiança estão se consolidando. Isso não acontece magicamente, mas num processo lento e gradual, que não é somente de acertos, mas também de erros. Ela precisa da compreensão dos pais para aprender nos erros, sabendo que sempre lhes será garantida uma nova oportunidade. Os pais devem estar atentos para que a criança não venha a aceitar uma responsabilidade que não possa cumprir, frustrando-se em suas expectativas. Conforme Trent, Osborne e Bruner,

¹¹⁶ TRENT, 2007, p. 149.

os talentos de uma criança devem ser desenvolvidos:

Os talentos podem surgir com facilidade, mas dá trabalho desenvolvê-lo com aula de música, treino de futebol, aulas de artes e assim por diante. Você ajuda seus filhos a alcançar o potencial que Deus tinha em mente para eles ao identificar e cultivar os talentos deles. Encoraje seus filhos, de acordo com a disponibilidade financeira e de horário, a ter várias atividades e lições que os ajudem a descobrir seus talentos. Deixe-os explorar as possibilidades. Quando seus filhos demonstram aptidão por alguma coisa ou gostam de uma atividade específica, afirme-os nisso e tente possibilitar o crescimento deles nessa área.¹¹⁷

A criança de nove anos já pode lidar melhor com os conceitos abstratos. Então, compreende a proximidade de Deus e pode adorá-Lo. Por esta razão os pais devem se interessar pela definição que seu filho tem sobre Deus e conduzi-lo à compreensão das Escrituras a fim de que tenha uma ideia certa a respeito dEle. Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “as crianças podem pensar em Deus como sendo um rei, um gigante, um pai, um tirano, um anjo, um detetive, um enorme olho, um policial, um criador, um ajudador, uma espécie de nuvem oblonga nebulosa, um juiz, um fabricante, um espírito ou como Jesus”.¹¹⁸ Possivelmente, muito da imagem que ela tem de Deus foi tirada da imagem que ela tem dos próprios pais.

Nesta faixa etária aumenta o espírito de turma e pode ser usado para encorajar na criança o espírito missionário, incentivando-a a convidar outros para um estudo bíblico e para a Escola Dominical.

Todo crescimento espiritual passa pelo processo do aprendizado. Não foge à regra a oração, que nos leva à plenitude de alegria, pois é o centro da comunhão com Jesus, que capacita a amar. O tempo que a criança der

¹¹⁷ TRENT, 2007, p. 132.

¹¹⁸ JACOBSEN, 1985, p. 121.

ao essencial, a comunhão com Cristo através da oração, leitura da Bíblia, contemplação, vai dar o sentido da sua vida. A presença do Senhor na vida da criança tem um poder transformador que não pode e não deixará sua vida inalterada. É importante aos pais se darem conta do valor da oração em seu lar. Sem oração, as pessoas se tornam estultas para as coisas espirituais. Richard J. Foster diz:

Hoje o coração de Deus é uma chaga aberta de amor. Ele sofre com o nosso distanciamento e preocupação. Lamenta que não nos aproximamos dele. Entristece-se por nos termos esquecido dele. Pranteia a nossa obsessão por quantidade e multiplicidade. Anela por nossa presença.¹¹⁹

Quando as necessidades, em suas faixas etárias, não são atendidas, provavelmente essas crianças delongarão a formação de suas personalidades; provavelmente entrarão em crises em outras fases de suas vidas. Por exemplo, adolescentes poderão ainda não ter sua própria personalidade.¹²⁰

CONCLUSÃO

¹¹⁹ FOSTER, Richard J. **Oração**: o refúgio da alma. Campinas: Cristã Unida, 2004. p. 13.

¹²⁰ GETZ, 2008.

¹²¹ O inatismo admite a existência de ideias inatas no ser humano, isto é, “não adquirido, possuído desde o nascimento”.RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994. p. 144. Conforme Marilena Chauí, “o inatismo afirma que nascemos trazendo em nossa inteligência não só os princípios racionais, mas também algumas idéias verdadeiras, que por isso, são idéias inatas”. CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 69.

¹²² Conforme o Dicionário Aurélio, empirismo é: A doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade. FERREIRA, 2004. Dagobert Runes define empirismo como uma doutrina sobre as origens do conhecimento: absolutamente nenhum conhecimento com referência existencial é possível independentemente da experiência. RUNES, Dagobert D. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Presença, 1990. p. 112.

Concluimos que, no contexto judaico-cristão, o aprendizado da criança agrega o conceito inatista¹²¹ da presença divina em todo ser humano sem, no entanto, imobilizá-lo e resigná-lo ao considerar que o meio não interfere no desenvolvimento. Do conceito empirista¹²², agrega o aprendizado como acréscimos experimentais no dia-a-dia, sem, contudo, eliminar o conceito de fé como possibilidade do legado divino ao ser humano.

Deus tece o ser humano no seio de sua mãe (Sl 139.13), permitindo o desenvolvimento das potencialidades, dos dons e aptidões com o amadurecimento biológico. O caráter santo de Deus não muda de pessoa para pessoa, sendo válido para qualquer cultura. Como Deus concede ao ser humano o encaminhamento de sua própria vida, é importante que a criança seja ensinada no agrado a Ele. A criança quando deixada a si, possivelmente, pela falta de conhecimento, formará conceitos desajustados, que podem levá-la a se desviar da vereda certa (Pv 29.15).

Os pais têm a responsabilidade de auxiliar seus filhos a construir sua sabedoria, compreensão e conhecimento, a fim de que os filhos sejam felizes, protegidos e prósperos na vida. As crianças são muito sensíveis ao meio em que vivem. Ló possivelmente não foi afetado pela cultura sodomita, mas não considerou que seus filhos poderiam se contaminar (Gn 19.36).

Para se tornar uma pessoa sadia e madura, a representação da figura paterna e materna é fundamental. Para não transferirmos a responsabilidade de mãe e pai no desenvolvimento e construção moral, social, emocional e psicológica da criança, nosso compromisso maior deve ser em estar presente nessas formações. Alguns pais querem adquirir bens materiais para dar aos filhos. Isso, no entanto, pode gerar ausência em casa. Davi, homem segundo o coração de Deus, dá-nos o exemplo de que pais podem ser homens e mulheres espirituais, talvez bem intencionados, com profunda comunhão com Deus, mas terem seus filhos morrendo espiritualmente (2Sm 19.4). É fácil descuidar de quem está perto, sempre junto.

Os pais devem deixar como legado aos filhos o exemplo de amor entre eles, a comunhão com Deus, com os seres humanos e com a natureza. De forma simples e prática, devemos sistematicamente adorar a Deus no lar. O povo da Antiga Aliança educava espiritualmente seus filhos mostrando o que Yahweh já realizara, formando a espiritualidade deles em realidades já experimentadas.

Segundo as Escrituras, Deus é conhecido somente através da sua autorrevelação. À parte da sua iniciativa de se autorrevelar, Deus não poderia ser conhecido pelo ser humano. De acordo com Sponheim, “é Deus que age no sentido de revelar. Nós conhecemos Deus por causa de Deus”.¹²³

A limitação e a vulnerabilidade do ser humano para conhecer a Deus em sua natureza incomensurável não partem de Deus, mas da finitude da natureza humana. O ser humano é tão pequeno diante da grandeza de Deus, que não é capaz de raciocinar sobre o Criador se não houvesse a iniciativa de Deus em imprimir nele um código de fé. Deus se revelou ao ser humano, acerca de si mesmo objetiva, válida e racionalmente por meio da natureza, da história e da personalidade humana. Ela é acessível a todas as pessoas que queiram observá-la.

O cristianismo reconhece a revelação divina coroada pela encarnação do Verbo Vivo – Cristo (Jo 1.1), e pelo registro da Palavra nas Escrituras (1Co 14.37), sendo essas revelações o desvendamento que Deus faz de Si mesmo de modo imediato e sobrenatural. O Logos encarnado revelou o Pai. A Palavra escrita registrou essa revelação e o seu progresso.

Recomenda-se aos pais agilidade, vigilância e cuidado na formação espiritual de seus filhos. É fácil juntar a família para jogos, bebidas, brincadeiras, mas difícil é juntar para edificação espiritual. Os pais podem

¹²³ SPONHEIM, Paul R. **O conhecimento de Deus**. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.) *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 209-213.

deixar dinheiro, casa, educação secular, mas se não deixarem uma fé verdadeira em Cristo, fracassaram como pais. Os pais precisam influenciar seus filhos, inspirando-os; servindo aos filhos exemplarmente. O exemplo maior nos foi dado pelo próprio Cristo, quando lavou os pés dos discípulos e disse: “eu dei o exemplo para que vocês façam o que eu fiz” (Jo 13.13-17).

A família é boa, pois foi criada por Deus. Cristo, como Verbo Encarnado, reafirma dizendo que “ninguém separe o que Deus uniu” (Mc 10.9). O casamento, no entanto, é a união entre seres humanos, por isso uma estrutura frágil. Mesmo que os pais não o queiram, muitas vezes a convivência fica insuportável por relações em conflito - cargas mal distribuídas, união do casal distante, deixaram acabar o amor ou um deles está magoado, etc. Com frequência, casamentos terminam em separação e divórcio. Inicia-se uma experiência muito dolorosa para os pais e todos os filhos, qualquer que seja sua idade.

Felizmente o ser humano foi concebido com capacidade de suportar e carregar fardos físicos e emocionais, o que vai desenvolvendo e fortalecendo ao longo da vida. Esta capacidade resiliente de vencer as dificuldades, os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que sejam, pode recompor, tanto os pais quanto os filhos. Essa recomposição será bem mais difícil de ser atingida sem ajuda externa. As famílias formadas por pais separados precisam procurar apoio comunitário, eclesial, psicológico, etc., para fundar uma estrutura sobre a qual os filhos edificarão sua estabilidade emocional, social e moral. Abrir-se ao diálogo, ao perdão, estabelecendo uma relação cordial com o ex-cônjuge e sua nova companhia, é um processo que denota esforço e requer uma grande dose de generosidade por parte de todos. Das rivalidades e ressentimentos

geradores de guerras entre os pais e seus novos cônjuges, os mais prejudicados são os filhos. Aos pais, oferecem-se estas opções: fecharem-se num mundo de mágoas e ressentimentos provocados pela separação, envolvendo seus filhos, ou se abrirem para uma nova vida de perdão, objetivando recuperar a harmonia no lar, tão necessária para o bem-estar na nova fase da família.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas**. São Paulo: Salesiana, 2001.
- AVANCI, Joviana. Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação. IHU Online. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=773&id_edicao=269>. Acesso em: 26 ago 2008.
- BASSOFF, Evelyn S. **Entre mãe e filho: o que fazer para seu filho se tornar um adulto feliz e realizado**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENTHO, Esdras Costa. **A família no Antigo Testamento: história e sociologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- BRANDENBURG, Laude Erandi. **O ensino religioso e a educação infantil**. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- CABRAL, Elienai. **Comentário bíblico: Efésios**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CAPLAN, Mariana M. A. **Atitudes: quando os filhos escolhem estilos alternativos de vida**. São Paulo: Madras, 2000.
- CASALE, Franco Del. **Ajuda-me a crescer: desenvolvimento evolutivo dos 0 aos 16 anos: análise transacional e terapia refocalizadora**. São Paulo: Summus, 1986.
- CECÍLIO JR., Marlísio Oliveira. **Fichamento do livro de Howard Gardner**. Disponível em: <<http://petecv.ecv.ufsc.br/download/Reuni%F5es%20culturais/>>

Reuniões%20em%20PDF/Maril%EDsio%20-%20Maio.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2010.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática**. São Paulo: IBRB, 1986.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 2000.

_____. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 1995.

CRAWFOR-LORITTS, Karen. **Construindo o caráter do seu filho**. São Paulo: Imprensa da fé, 2004.

CRUZ, Elaine. **Amor e disciplina para criar filhos felizes**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DREHER, Martin N. **Conversando sobre espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

ENGBRECHT, Simone. **Aprendendo a lidar com a depressão**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE OBREIROS SILOÉ (EPOS). **Evangelismo**. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2007. Mod. I.

FEITOSA, Eucir. **Paternidade responsável: meditações para os pais**. São Paulo: MHW, 2008.

FELDMAN, Clara; MIRANDA, Márcio Lúcio de. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**: edição eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Marilene do Amaral Silva. **Evangelização e discipulado com crianças**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/evangelismo/evangelismo_crianças.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

FOSTER, Richard J. **Oração: o refúgio da alma**. Campinas: Cristã Unida, 2004.

GETZ, Gene A. **Relacionamentos familiares na família de Deus**. São Paulo: Sepal, 2008.

GOLDSMITH, Joel S. **A arte da cura espiritual**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Jerusa Vieira. **Socialização primária: tarefa familiar?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

GUEVARA, Edwin Mora. Espiritualidade a partir da graça em um programa de tratamento de dependência de drogas. In: SANTOS, N. **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html#anc3>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

JACOBSEN, Margaret Bailey. **A criança no lar cristão**. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

KLEIN, Remí. **A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso**. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LANGSTON, A. B. **Esboço de teologia sistemática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

LARA, Ronaldo Bauer de. **O mundo teológico da criança**. In: X Encontro de Educadores Cristãos. Criciúma: [s.n.], 2010.

MACLISTER, Roberto. **Perdão: o segredo da cura total**. Rio de Janeiro: Carismo, 1981.

MARTINI, Marcus de. John Donne: considerações sobre vida e obra. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 33, p. 121-137, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8597/8000>>. Acesso em: 01 mai. 2010.

MARULANDA, Ângela. **O desafio de crescer com os filhos: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

OGREGON, Rosane de Fátima Antunes. **Validação de um instrumento de identificação do perfil de usuário através de ícones representativos das inteligências múltiplas**. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEGC0078-D.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

PACKER, J. I. Revelação e Inspiração. In: DOUGLAS, J. D.; (Ed.). **O novo dicionário da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

PETRY, Analídia Rodolpho. **Esquizofrenia e representação social: estudo de casos em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

RAMOS, Aristides. **Curso Pastor Urbano**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 13-18 jul. 2009.

RAVAZZOLA, Maria Cristina. Resiliência familiar. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**.

Porto Alegre: Artmed, 2005.

SHEDD *apud* BOMILCAR, Nelson (Org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SILVA, Flávia Mendes. **Antigos e novos arranjos familiares: um estudo das famílias atendidas pelo serviço social**. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/ANTIGOS%20E%20NOVOS%20ARRANJOS%20FAMILIARES.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

SPONHEIM, Paul R. O conhecimento de Deus. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.) **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

STRECK, Valburga Schmiedt. **Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

TEDD-TRIPP, Margy. **Instruindo o coração da criança**. São José dos Campos: Fiel, 2009.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa: formando cidadãos éticos**. São Paulo: Integrare, 2007.

TRENT, John; OSBORNE, Rick; BRUNER, Kurt. **Ensine sobre Deus às crianças: um plano por faixa etária para pais de crianças até doze anos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.